[Recensão a] CURTO, Diogo Ramada – Para que serve a história?

Autor(es): Moreira, Nuno Bessa

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/38264>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/1647-8622_15_15

Accessed : 26-Apr-2023 10:49:14

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

comunicação, jornalismo e
espaço público na era digital

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 15 • 2015

CURTO, Diogo Ramada – *Para que serve a história?*. Lisboa: Tinta da China, 2013. ISBN 978-972-24-1524-8.

Na actualidade, as resenhas críticas usufruem, crescentemente, de um duplo estatuto. Por um lado, são instrumentos de pesquisa, análise e leitura de obras, mas, por outro, podem constituir objectos de estudo autónomos. Nesta resenha, pretende-se enquadrar e analisar a obra *Para que serve a História?*, de Diogo Ramada Curto, tendo em conta os contextos sociais, culturais, políticos e ideológicos que a motivaram, sem esquecer as repercussões que gerou (ou não), situando-a no âmbito do labor intelectual anterior do seu autor, comprovando o reforço da comparação e da interdisciplinaridade, defendidas em *As Múltiplas Faces da História* (2008). Importa descrever as principais directrizes do trabalho dado à estampa em 2013, avaliando a relevância dos conceitos de *Esfera Pública*, *Espaço Público* e *Opinião Pública* na obra em consideração.

Nos últimos anos, a reflexão historiográfica sobre a história tem sido alvo de uma atenção relevante por parte dos historiadores, com expressão directa e correspondência inequívoca a nível editorial, ainda que os estudos aludidos sejam pouco numerosos, se os compararmos com a cadência de publicação noutros domínios da história. A obra colectiva *Outros Olhares Sobre a História*, coordenada por Maria Manuel Tavares Ribeiro, foi dada à estampa em 2010. Três anos volvidos, outras iniciativas viram a luz do dia: a colectânea *Historiografias Portuguesa e Brasileira do Século XX Olhares Cruzados*, dirigida por João Paulo Avelãs Nunes e Américo Freire; *Problemática do Saber Histórico Guia de Estudo*, da autoria de Margarida Sobral Neto; *Antiquarismo e História: para a História da Historiografia*

(séculos XVII-XXI), de António de Oliveira (conjunto de artigos onde a erudição a problematização marcam presença, com especial destaque para historiografia local), *A Crise da História e as suas novas directrizes*, de Vitorino Magalhães Godinho (terceira edição, acrescida de um posfácio, novidade face às anteriores de 1946 e 1971), e a obra em vertente análise.

Ao longo de *Para que serve a História?* o autor refere-se a Magalhães Godinho como um historiador fundamental na Historiografia Portuguesa do século XX, destacando-o como o mais importante a nível nacional em Novecentos, evidenciando Marc Bloch no plano europeu. *Para que serve a História?* é um título desafiante e perturbador. Parte de uma interrogação que Ramada Curto retoma, na esteira da pergunta endereçada pelo filho de Marc Bloch ao seu progenitor, e que serve de mote ao professor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (e investigador do Centro de Estudos Sociais da mesma instituição, onde coordena o grupo *Modernidade Portuguesa e Sociologia Histórica Comparada*) para reflectir sobre as práticas e os estatutos da história no conspecto das Ciências Sociais e Humanas. *Para que serve a história?* constitui uma recolha de estudos de proveniências e finalidades distintas. Existe, todavia, em nosso entender, um fio condutor implícito, e que converge para a recusa de uma ideologia neoliberal e da sua disseminação num campo cultural alegadamente monopolizado por uma certa ideia de Universidade.

Na introdução ao trabalho em consideração, o historiador elege a recusa das *lições da história* como ideia orientadora, traçando dois objectivos conexos: a intervenção cidadã para além dos limites da academia e o cruzamento da reflexão sobre as condições do exercício do ofício de historiador em

Portugal com a eleição de temáticas que as evidenciem, como: *a história do império, a escrita das biografias, da nação à história dos intelectuais e das ciências sociais* (p.16). O autor demonstra duas preocupações no texto introdutório. A primeira prende-se com a retoma da ligação entre a História e as Ciências Sociais, da qual Godinho e Alfredo Margarido foram dois dos principais cultores, desde meados do século XX. A segunda radica na necessidade de contacto com as fontes, sublinhando-se o gosto pelos arquivos (p.17).

Os artigos escolhidos foram maioritariamente publicados nos jornais *Público* e *Expresso* e neles assoma uma reflexão sobre a crise na e da actualidade. A obra *Para que Serve a História?*, desde o primeiro andamento (pp.19-68), materializa, em diferentes momentos, uma concepção aberta das Ciências Sociais, de modo a ultrapassar bloqueios: a *secular* e critica da separação entre teoria e prática ou a existência de uma Universidade apostada num ensino no qual emerge a figura do professor-burocrata.

No bloco intitulado *Intelectuais e Historiadores* (pp.69-110), o historiador confere relevância a alguns dos clássicos da sociologia (que não referiremos aqui) para se superar o alegado exclusivismo económico. O intelectual alerta, também, para os perigos daquilo a que Bourdieu chama *ilusão biográfica*. Aliás, nota-se a sua influência na designação e no conteúdo do terceiro andamento

Em *Campo cultural e ensino* (pp.111-140), Ramada Curto critica de novo as Universidades, quando estas actuam, na actualidade, em Portugal, maioritariamente, como instâncias monopolizadoras e estigmatizantes da criatividade, acarretando a substituição dos livros pelos artigos dispersos, em favor de uma lógica de saber fragmentária.

No que respeita ao quarto núcleo apontado (pp. 141-198), o autor escreve vários ensaios, destacando-se, em nosso entender, a preocupação com a historiografia dos Descobrimentos e do Império e o posicionamento na polémica entre Manuel Loff e Rui Ramos. Em relação a esta, o historiador revela sensatez e evita julgamentos sumários, reconhecendo mérito na publicação da *História de Portugal*, dirigida por este último, mas também por Bernardo Vasconcelos e Sousa e Nuno Gonçalo Monteiro, não deixa de apontar discordâncias devidamente fundamentadas em relação a alguns aspectos particulares da obra. Quanto à Historiografia dos Descobrimentos e do Império, Ramada Curto enjeita o nacionalismo *comemoracionista*, pugnando por uma história global, de pendor sociológico, baseada na geografia, na sociedade e economia, na linha de Vitorino Magalhães Godinho.

Por fim, no quinto núcleo (pp.199-227), o historiador faz a recensão de biografias recentes e, a partir delas, percebe-se que desvaloriza a concentração no *tempo curto* e nos percursos exclusivamente individuais que carecem, sempre, de uma perspectiva social mais alargada.

Depois da publicação de *Para que Serve História?*, ainda em 2013, o autor voltou a demonstrar preocupações que o ocuparam desde antes desta obra e que nela receberam acolhimento. Atente-se numa crónica, publicada também no jornal *Público*, cujo título constitui uma paráfrase parcelar à interrogação de Bloch e ao trabalho homónimo analisado nesta recensão. Trata-se de *Para que servem os intelectuais?*

Quanto ao conteúdo da crónica, o autor aproveitou a presença em Lisboa, em três ocasiões distintas, de Stefan Collini, Dorothy Ross e Jurgen Habermas, cujos percursos intelectuais manifestam

duas qualidades defendidas por Ramada Curto. Sendo académicos reflectem sobre a Universidade, rompendo igualmente com a tradicional não intromissão da academia nas questões mais prementes da actualidade, que envolvem o ensino, a investigação, mas também a política e a responsabilidade social, a mesma que Ramada Curto exerce, ao denunciar, já em 2014, as políticas da FCT no tocante à atribuição de bolsas a cinco anos, criticando os critérios quantitativistas e produtivistas que puseram em causa na obra *Para que Serve a História?*.

Na edição do jornal *Público* de 13 de Dezembro de 2014, o autor elabora um comentário crítico a uma obra colectiva, dada à estampa pouco tempo antes pela editora *Unipop*, a colectânea *Pensamento crítico Contemporâneo*. Este comentário prolonga alguns tópicos presentes em *Para que serve a História*, canalizando-os para a obra colectiva referida, visada pelo facto de, alegadamente, interpretar de modo discutível algumas ideias de Foucault, alinhando, ao contrário deste, pela suposta desconsideração do tempo longo.

Para que serve a História? constitui uma iniciativa relevante a diversos níveis. Em primeiro lugar, não é muito comum a reflexão de um historiador sobre o seu ofício na primeira pessoa, sem uma natureza estritamente, ou em primeira instância, *ego-histórica*, mas preocupada em avaliar a situação actual, tendo em conta a história das Ciências Sociais e Humanas nas últimas décadas. Por outro lado, o historiador evita e afronta o alegado conformismo e o comodismo de alguns intelectuais que, como ele, ensinam nas Universidades, numa posição que, na sua geração, é relativamente confortável, apesar da conjuntura, não hesitando em apoiar as gerações mais jovens, que se encontram em situações potencialmente frágeis. No

entanto, o alegado *atraso historiográfico português* é um tema controverso e configura uma intuição interessante, mas poderá, em ocasiões futuras, ser mais pormenorizado.

Uma pesquisa efectuada através de motores de busca na Internet, e, por isso, *assistemática* e *impressionista*, mas bem-intencionada, sujeita a confirmações e ao exercício do contraditório, demonstra que uma obra como esta, que interpela directamente os historiadores e os cientistas sociais, mas também os cidadãos, teve escassas reacções por escrito (como o prefácio de Ângela Alonso), confirmando que a Universidade permanece, em muitos casos indiferente à *esfera pública*. A situação é particularmente sensível no que concerne à História e Ciências Sociais. No entanto, recentemente, Luís Reis Torgal publicou *História. Que História? Notas críticas de um historiador*, onde debate o *atraso historiográfico português*, problematizando-o e referindo-se amiúde a Ramada Curto. Este debruça-se sobretudo sobre a *esfera pública* em *Para que serve a História?*, sem se preocupar em defini-la teoricamente, não a comparando com *espaço público* e *opinião pública*.

Nuno Bessa Moreira
CITCEM, FLUP

Email: knunoclio@gmail.com

http://dx.doi.org/10.14195/1647-8622_15_15